

# Criação/ Exposição de Artes

# Transeuntes América Latina

ELZA AJZENBERG\*



Nemesio ANTÚNEZ (Santiago, Chile, 1918-1993), *Os Transeuntes*, 1954.

\* Título da Exposição apresentada pelo MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo), em sua sede na Cidade Universitária (Rua da Reitoria, 160), no período de 29 de setembro a 15 de novembro de 2005, com a curadoria e texto de Elza Ajzenberg.



Jesús R. SOTO (Ciudad Bolívar, Venezuela, 1923 – Paris, França, 2005), *Vibração*, 1963.

A EXPOSIÇÃO *TRANSEUNTES* tem como referência a obra de Nemésio Antunes. É fruto do esforço concentrado de pesquisadores e técnicos do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), juntamente com o Corpo Consular da América Latina. Objetiva refletir sobre as metáforas plásticas de artistas modernos e contemporâneos, atentos às transformações de seu tempo. Apresenta como eixos para reflexão: “Buscas de Identidade”; “Lutas, Sonhos e Utopias” e “Entre Rupturas e Conjunções”.

**Os pequenos personagens que integram a obra de Nemésio Antunes instigam aos questionamentos: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?**

Ao refletir sobre a arte da América Latina é preciso TRANSITAR por caminhos que remetem a vários históricos distintos e que se confrontam cotidianamente.

Com a chegada dos europeus, a América, de certo modo, perdeu a identidade e ganhou outras. Os séculos de colonização acrescentaram novos elementos culturais que motivaram buscas incessantes.

Existe um eixo latino-americano? Pergunta difícil de ser respondida sem cair em um essencialismo. Há uma idéia de América Latina como fonte de sonhos e utopias, unindo geografia, história, língua e religião, compartilhada por diversos artistas e escritores. Porém, a experiência colonizadora conduziu à luta pela independência e à busca de identidades políticas e culturais próprias de cada país.

Dos habitantes originais da América – antigas civilizações e as denominadas populações indígenas –, alguns continuam a existir, mesmo vivendo dentro de territórios cujas divisões não necessariamente correspondem às fronteiras dos países criados pós-independência.

Hoje o antigo esplendor de várias dessas culturas é pouco mais do que uma recordação, pois séculos de destruição militar e cultural reduziram essas populações a uma fração do que eram.

Ainda hoje, a América procura sua identidade. Países caminham lado a lado, esbarrando-se nos percalços da História, mas continuam desconhecidos entre

si e vivem no embate de não serem índios, não serem negros, não serem brancos, sendo todos ao mesmo tempo.

“América Latina” é, claramente, uma designação de sentido político e cultural. Compreende países da América do Sul, América Central, Caribe, Antilhas e México. Origina-se no contexto da política externa francesa dos anos de 1850, para referir-se às terras que haviam sido colônias espanholas, portuguesas e francesas.

A noção de América Latina como um “não-lugar”, a partir do qual é possível elaborar uma alternativa crítica, inscreve uma metáfora, expressando suas buscas, utopias e desencontros. Surge também em razão das rupturas estéticas promovidas no século XX.

O período de 1920 a 1940 é considerado como um momento fundamental para a arte latino-americana moderna. Marca o regresso à Europa de precursores e notáveis expoentes da vanguarda histórica. Regresso motivado pela urgência de transformar em realidade a promessa da arte contemporânea colocar-se ao alcance da sociedade em processo de modernização.

O período de 1950 a 1970 é produto do impulso modernizador e desenvolvimentista provocado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial. Pode-se considerar como o momento de maior expansão e internacionalização da arte latino-americana.

Essa maturidade se manifesta em uma sequência de “rupturas radicais”, tanto de artistas, como de grupos que defendem maior autonomia frente às imposições de modelos artísticos. Coexistem: releituras estéticas envolvendo as ambigüidades do crescimento urbano; projetos de resistência decorrentes das contradições sociopolíticas; obras interativas e propostas conceituais.

O final desse período, por sua vez, apresenta um contexto crítico. Recrudescimento de regimes autoritários, perseguições a intelectuais, artistas e lideranças políticas, constituem golpe fatal para os projetos em curso. O desenlace desses eventos assinala o questionamento de utopias e da ação revolucionária vanguardista, com desdobramentos sobre as questões estéticas no início do século XXI.

São Paulo, setembro de 2005.

*Elza Ajzenberg* é diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e professora da Escola de Comunicações e Artes da USP. @ – majzenberg@uol.com.br  
Texto recebido em 10.10.05 e aceito em 17.10.05.





Leda CATUNDA (São Paulo, SP, 1962), *Onça pintada nº 1*, 1984.



Frans KRAJCBERG (Kozienice, Polônia, 1921), *Relevo nº 1*, 1960.



Antonio SEGÚI (Córdoba, Argentina, 1934), *Difícil de subir*, 1984.



Cristina CANALE (Rio de Janeiro, RJ, 1961), *Rio 40°*, 1987.





Regina SILVEIRA (Porto Alegre, RS, 1939), *Paradoxo do santo*, 1994.



João CÂMARA F. (João Pessoa, PB, 1944), *Uma confissão*, 1971.



Tarsila do AMARAL, *Estrada de Ferro Central do Brasil*, 1924.



Cândido PORTINARI, *Mineradores*, c. 1941.